

Sexualidade e Relação de Gênero

2

Denise Pereira
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Denise Pereira
(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S518 Sexualidade e relações de gênero 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 2)

Formato: PDF

Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-049-0

DOI 10.22533/at.ed.490191601

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Pereira, Denise.
II. Título. III. Série.

CDD 306.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

DOI O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Cada vez mais a academia está avançando em pesquisas sobre Sexualidade e Relação de Gênero. No século XXI, a sexualidade é compreendida como algo fluído, que muda ao longo de toda uma vida, é pessoal/individual, cada um com a sua, não há certo ou errado, havendo possibilidades e é paradoxal, ou seja, é sempre diferente da sexualidade dos outros, sendo o traço mais íntimo do ser humano, manifestando-se diferentemente em cada indivíduo, de acordo com as novas realidades e as experiências vividas culturalmente.

E a relação de gênero refere-se às afinidades sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Que segundo Scott, devemos compreender que “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres.

O conceito de gênero que enfatizamos neste livro está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, um movimento social organizado, usualmente remetido ao século XIX e que propõe a igualdade nas relações entre mulheres e homens através da mudança de valores, de atitudes e comportamentos humanos.

Neste livro são apresentadas várias abordagens sobre “Sexualidade e Relação de Gênero”, tais como: discussões de conceitos; modo de vida, violência, direitos, Lei Maria da Penha, homoparentalidade, emancipação feminina, transexuais, homossexuais, sexualidade infantil, sexualidade masculina, mulheres no cinema e no futebol, entre diversos outros assuntos.

Boa leitura
Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
SEXUALIDADES E GÊNEROS NA ESCOLA: DE QUAIS SENTIDOS SE APROPRIA A PRÁTICA PEDAGÓGICA?	
Denise da Silva Braga	
DOI 10.22533/at.ed.4901916011	
CAPÍTULO 2	18
TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA	
Maria da Conceição Carvalho Dantas	
Denise Bastos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.4901916012	
CAPÍTULO 3	27
PERCEPÇÕES DE GRADUANDAS DE ENFERMAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER SOFRIDA NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO	
Michelle Araújo Moreira	
Tháís Borges Gally	
DOI 10.22533/at.ed.4901916013	
CAPÍTULO 4	43
INCURSÕES E INTERDITOS SOBRE AS SEXUALIDADES, IDENTIDADES E AS QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA E DA ESCOLA	
Karine Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4901916014	
CAPÍTULO 5	58
HOMOPARENTALIDADE: O QUE A ESCOLA TEM DITO?	
André Luiz dos Santos Barbosa	
Rejane Cristina Lages Rocha.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916015	
CAPÍTULO 6	73
CULTURA UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO DOCENTE: SITUANDO AS TEMÁTICAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.4901916016	
CAPÍTULO 7	89
ASSESSORIA TERRITORIAL DE GÊNERO: ENCONTROS TERRITORIAIS E ESTADUAL DE MULHERES RURAIS DOS COLEGIADOS DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
Xenusa Pereira Nunes	
Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4901916017	
CAPÍTULO 8	99
A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES.	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	

CAPÍTULO 9	107
A SOLIDÃO DOS/AS DOCENTES HOMOSSEXUAIS: NARRATIVA E REFLEXÃO SOBRE O/A PROFESSOR/A HOMOSSEXUAL	
Isabella Marques de Oliveira; Denise Maria Botelho; Agilcélia Carvalho dos Santos.	
DOI 10.22533/at.ed.4901916019	
CAPÍTULO 10	116
A SEXUALIDADE MASCULINA SOB A ÓTICA DAS ESCRITAS LATRINÁRIAS.	
José Edson da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.49019160110	
CAPÍTULO 11	125
CONSTRUÇÃO DO CORPO MASCULINO: RELAÇÕES COM AÇÕES DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS	
Daniele Machado Pereira Rocha Maria Thereza Ávila Dantas Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.49019160111	
CAPÍTULO 12	133
IDENTIDADE E IMAGENS DA MARCA RIO: UM ESTUDO SOBRE A INSERÇÃO DO “GAY FRIENDLY” NA IDENTIDADE DA MARCA RIO E SUA CONCRETIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS MUNICIPAIS.	
Patrícia Cerqueira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.49019160112	
CAPÍTULO 13	142
O MODO DE VIDA GAY COMO ESTETIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA	
José Nilton Conserva de Arruda Marianne Sousa Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.49019160113	
CAPÍTULO 14	155
TRAJETÓRIAS DE GAYS NEGROS NA ESCOLA DA ZONA RURAL: PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS	
Marcos Andrade Alves dos Santos José Kasio Barbosa da Silva Renata Queiroz Maranhão Antônio Jefferson Teixeira Sousa Juliana Brito Cavalcante Assencio Daniele Gruska Benevides Prata	
DOI 10.22533/at.ed.49019160114	
CAPÍTULO 15	169
UM ESPELHO CONTRA ESPELHO: A DISPOSIÇÃO INATA DA NATURA	
Jobson Rios dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160115	

CAPÍTULO 16	177
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHERES MASTECTOMIZADAS SOBRE SEXUALIDADE	
Michelle Araújo Moreira Ana Beatriz Santana de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.49019160116	
CAPÍTULO 17	189
PERCEPÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA PARA OS JOVENS: REVISÃO SISTEMÁTICA	
Paula Orchiucci Miura Estefane Firmino de Oliveira Lima Maria Marques Marinho Peronico Pedrosa Ellen Borges Tenorio Galdino Kedma Augusto Martiniano Santos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160117	
CAPÍTULO 18	203
LIDERANÇAS FEMININAS RURAIS: CONHECIMENTO E ACESSO A POLÍTICAS PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira Xenusa Pereira Nunes Victor Pereira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160118	
CAPÍTULO 19	212
MULHERES CINEASTAS, FEMINISMO NEGRO E OS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS: EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA	
Lucas Leal	
DOI 10.22533/at.ed.49019160119	
CAPÍTULO 20	230
“VESTIDO NUEVO” – REFLETINDO SOBRE SEXUALIDADE E GÊNERO A PARTIR DE UM CURTA METRAGEM	
Sílvia Rita Magalhães de Olinda Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes	
DOI 10.22533/at.ed.49019160120	
CAPÍTULO 21	240
ESCANTEIO: MULHERES QUE TROCAM O ROSA CULTURAL PELO PRETO DA TRADIÇÃO - O CAMPO DA ARBITRAGEM EM FUTEBOL	
Ineildes Calheiro Eduardo David Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.49019160121	
CAPÍTULO 22	256
ESTRUTURA DA REPRESENTAÇÃO DA(S) TRANSEXUALIDADE(S) POR MULHERES (TRANSEXUAIS)	
Carle Porcino Jeane Freitas de Oliveira Maria Thereza Ávila Dantas Coelho Dejeane de Oliveira Silva Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.49019160122	

CAPÍTULO 23	266
UMA APRECIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CONSUMO METROSSEXUAL EM SETORES DA ECONOMIA CRIATIVA	
Daniel Kamlot	
DOI 10.22533/at.ed.49019160123	
CAPÍTULO 24	277
FAZER-SE RAINHA MIRIM NUMA FESTA DE CAMINHONEIROS: SOBRE (DES)PRATICAR NORMAS DE GÊNERO NUM CONCURSO DE BELEZA	
Marcos Ribeiro de Melo	
Michele de Freitas Faria de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160124	
CAPÍTULO 25	289
GÊNERO E SEXUALIDADES: INVESTIGANDO A CONCEPÇÃO DE PSICÓLOGAS(OS)	
Rayane Ribas Martuchi	
Ticiane Paiva de Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.49019160125	
CAPÍTULO 26	302
REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO DE GÊNERO NA PSICOLOGIA: UM CAMINHO A SE PERCORRER NA GRADUAÇÃO?	
Lara Araújo Roseira Cannone	
Raissa Lé Vilasboas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.49019160126	
SOBRE A ORGANIZADORA	310

A ESCOLA COMO EXPRESSÃO DA DIVERSIDADE: OBSERVANDO FRONTEIRAS ENTRE GÊNEROS, IDENTIDADES E ALTERIDADES.

Pollyanna Rezende Campos

Universidade Católica do Salvador

Programa de Pós Graduação em Família na
Sociedade Contemporânea

Salvador – Bahia

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Universidade Católica do Salvador

Programa de Pós Graduação em Família na
Sociedade Contemporânea

Salvador – Bahia

RESUMO: Dentro do campo educacional, instituições e sujeitos interagem e se expressam, através da diversidade. Nas escolas, em predominância, tempo e espaços de aprender se multiplicam e definem novas cartografias e emoções. Por isso, e com intuito de propiciar maior aproximação entre conceitos, atitudes e reflexões sobre o processo constitutivo de identidades e alteridades de jovens do ensino médio de uma escola da rede pública de Salvador, essa comunicação se atrela a uma experiência socioeducativa. O objetivo é descrever ações e reações, ampliar diálogos e proporcionar integração na cultura da paz e de vivências mais respeitadas, tolerantes e promotoras de Direitos Humanos. Trata-se também de reagir às práticas discriminatórias, buscando compreender e saber conviver

com as diversas formas de identidades de gêneros e sexualidades dentro do ambiente escolar. Tendo como inserção metodológica a delimitação por abordagem qualitativa, ademais de pautar-se em observações empíricas participativas do cotidiano escolar com auxílio da “cartografia social”. Também se acrescenta revisão sistemática de literatura envolvendo categorias relativas ao estudo com ênfase nas Ciências Sociais e Humanas e uso de técnica de entrevista individuais para acompanhamento da construção de identidades. Os resultados comprovam o quão carregado de opressão e sofrimento são os corpos que fogem à norma hegemônica, as narrativas elucidam vivências e experiências constrangedoras com agravos em situação de violências sobrepostas e cotidianas que comprometem o aprendizado e as relações interpessoais nos diversos convívios sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade, Identidades e alteridades, Diversidade de gêneros, Escola.

ABSTRACT: The educational field, institutions and studies interact and express themselves through diversity. In schools, in predominance, in time and in learning spaces multiply and define new cartography and emotions. In this way, and in order to provide a better approximation between concepts, attitudes and

reflections on the constitutive process of identities and alternatives of high school youth in a public school of education in Salvador, this communication is a socioeducative experience. Actions and reactions, dialogues and advances integrate the culture of peace and the most respected, tolerant and human rights promoting practices. It is also a question of reacting to discriminated children, finding and knowing how to live with the different forms of gender identities and sexualities within the school environment. The evaluation of quantitative behaviors and appurmatization of digital cartographic participations of cotidial school with aid of the cartographic social. You may also be able to access bibliographical information related to science and teaching methods of individuals for monitoring the construction of identities. The results were presented and explained according to the possibilities and the levels of knowledge that the hegemonic norm exerts, as the narratives and experiences experienced and embarrassing are aggravated in situations of overlapping and daily violence.

KEYWORDS: Sexuality, Identities and alternatives, Gender diversity, School.

As inúmeras questões em torno da diversidade de gêneros e sexualidades não envolvem apenas informações ou conhecimentos, mas sobretudo os valores e o posicionamento crítico e político diante da atual multiplicidade nas formas de viver e de ser. Demonstam uma “ecologia de saberes” (Santos, 2007, p. 4), necessitando mais enveredar pelo delineamento de um pensamento abissal e redutivo. Quando o tema é sexualidades e juventudes, não há como distanciar-se da dinâmica e das múltiplas possibilidades identitárias e de alteridade. A partir das observações realizadas no ambiente escolar, tanto dentro da sala de aula, assim como no pátio em momentos de socialização, comumente nos deparamos com falas e brincadeiras altamente preconceituosas e muitas vezes naturalizadas entre os jovens, pois são posicionamentos e posturas ainda muito arraigadas em nossa cultura patriarcal, machista e sexista que habituou-se na crença de que os órgãos genitais é que definem se uma pessoa é homem ou mulher. Para a biologia o que determina o sexo do indivíduo é a presença ou não de determinado cromossomo presente em uma das células gaméticas no ato da fecundação, porém, biologicamente falando não é a presença desse cromossomo que irá definir o comportamento do indivíduo, ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero, onde o termo gênero indica as “construções culturais”, sendo uma criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres. (SCOTT, 1995, p.75). O gênero é para além do sexo: a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, mas sim social. O Filósofo Michel Foucault (2014, p.21) concebeu a sexualidade como uma construção social criada, basicamente, para submeter o corpo individual ao controle coletivo da sociedade. Segundo ele, “o conceito de sexualidade não é uma categoria natural, mas uma construção social que, como tal, só pode existir no contexto social”.

E hoje, mais do que nunca, essas formas são múltiplas. As possibilidades de viver os gêneros e as sexualidades ampliaram-se. As certezas acabaram. Tudo isso pode ser fascinante, rico e também desestabilizador. Mas não há como escapar a esse desafio. O único modo de lidar com a contemporaneidade é, precisamente, não recusar a vivê-la. (Louro, 2008, p.23)

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, a frase imortalizada da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1949) trazia à tona a ideia de diversidade de gênero, mas infelizmente, ainda na vivência da contemporaneidade o entendimento e o respeito aos indivíduos que tornam-se, enxergam-se, comportam-se e sentem-se pertencentes à sexos distintos dos que nasceram, que aqui denominamos de “trans”, são alvos constantes de intolerâncias, discriminações, isolamentos e sofrem múltiplas violências ou violências sobrepostas (Cavalcanti, 2016) por parte de toda sociedade que tem dificuldades colossais em lidar com a diversidade, e a escola infelizmente se configura também como espaço de manutenção dessas violações. Para além dos conceitos e classificações, o mais importante é que os jovens tenham uma visão e um pensamento mais plural e diverso.

O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gêneros diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. (LOURO, 1997, p. 23).

É a partir do reconhecimento e da legitimidade de suas diferenças que se tem cada vez mais a percepção do importante papel estratégico da educação para a diversidade. Assim, a pluralidade passa a ser vista como um fator essencial para garantia da inclusão, promoção da igualdade de oportunidades e enfrentamento de preconceitos, discriminações e violências, especialmente no que se refere às questões de gênero e sexualidade.

As características fundamentais a essa sexualidade não traduzem uma representação mais ou menos confundida pela ideologia, ou um desconhecimento induzido pelas interdições; correspondem às exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade. (FOUCAULT, 2015, p.77)

O estudo visa propiciar maior familiaridade com conceitos, atitudes e reflexões que possibilitem o processo constitutivo de identidades de jovens do ensino médio de uma escola da rede pública de Salvador. Isso conecta-se à ideia de expor um relato de experiência socioeducativa, vivenciada como investigadora-docente e assinala o intuito em abrir diálogos e proporcionar integração na cultura da paz (Borges, 2013 e 2015) e de vivências mais respeitadas, tolerantes e promotoras de Direitos Humanos (Cavalcanti & Silva, 2015), assim como distanciar-se de práticas preconceituosas e violentas a fim de compreender e saber conviver com as diversas formas de identidades de gêneros e sexualidades dentro do ambiente escolar, para que tenham uma vivência mais respeitosa e menos preconceituosa a fim de compreender e saber conviver com

as diversas formas de identidades de gêneros e sexualidades dentro do ambiente escolar.

O estudo foi desenvolvido a partir de uma abordagem epistemológica crítica e de metodologia qualitativa, com base em observações empíricas participativas e integradas ao cotidiano escolar com auxílio da “cartografia social” (Kastrup & Passos, 2013; Oliveira & Paraíso, 2012). A instrução e construção do projeto de integração se deu a partir de entrevistas individuais com os jovens na faixa etária entre 18 a 24 anos, regularmente cursando o ensino médio, no turno matutino do Colégio Estadual Clériston Andrade, situado no Subúrbio Ferroviário de Salvador. No decorrer das entrevistas eles estavam sendo observados e cientes que a entrevistadora estava tomando nota de suas narrativas e que as utilizariam nesse trabalho, dada a importância para o referido estudo de seus “pensamentos e linguagens referidas à realidade, os níveis de suas percepções desta realidade, a visão de mundo, em que se encontram envolvidos com o tema gerador” da entrevista. (FREIRE, 2017, p. 122)

FRONTEIRAS ENTRE DISCRIMINAÇÕES E ENFRENTAMENTOS

Se considerarmos que sexualidade é inerente à vida humana e, portanto, um direito e parte das expressões individuais, o ideal seria que esse tema fosse conversado abertamente a fim de que as pessoas tivessem maior consciência dos seus direitos sexuais e reprodutivos e o exercessem (identidades), na sua plenitude, de forma responsável, respeitando as escolhas de outrem (alteridade). Entretanto, frente às problemáticas, preconceitos e grandes tabus que ainda cercam a abordagem do tema, mesmo diante da necessidade de larga discussão, percebe-se que ainda pouco é tratado, tanto na esfera educacional quanto na familiar.

Para Foucault (2014) a nossa sociedade é percebida como um espaço privilegiado, possibilitando que nossa verdade profunda seja lida e dita, ou seja, para a sociedade só se saberá a verdade real de cada um ao se conhecer a sua sexualidade. Esta, por sua vez, “não é fundamentalmente aquilo de que o poder tem medo, mas é, sem dúvida, através dela que se exerce”. E segundo Castro, Abramoway e Silva (2004) “o exercício da sexualidade se processa por meio de possibilidades, e se realiza dentro de um marco cultural delimitado por preconceitos e rituais”. Preconceitos esses que se atenuam principalmente nos casos em que os modelos hegemônicos de identidades são contrariados através de ‘estilização dos corpos’ para uma afirmação de gênero:

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *lócus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente construída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pelo qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a formação de um eu permanentemente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial da identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma *temporalidade social* constituída. (Butler,

Exercer e conseguir constituir essa ‘temporalidade social’ até que se conquiste a afirmação da própria identidade é um dos maiores enfrentamentos e dificuldades dos jovens que estão fora dos padrões da dominação heterossexual, complexidade esta embasada justamente por conta dos preconceitos e discriminações que são naturalizados nos meios sociais, inclusive na escola.

Há uma amarração, uma costura, no sentido de que o corpo reflete o sexo e o gênero só pode ser entendido, só adquire vida, quando referido a essa relação. As performatividades de gênero que se articulam fora dessa amarração são postas às margens, analisadas como identidades transtornadas, anormais, psicóticas, aberrações da natureza, coisas esquisitas. (Bento, 2011, p.553)

É nesse reflexo dicotômico de corpo e sexo que algumas identidades ocupam, culturalmente, uma posição central servindo de referência para as demais sendo por tanto, representadas como «normais», básicas, hegemônicas (Louro, 2000). E as pessoas que possuem corpos fora da amarração entendida como norma são vistas como diferentes, desviantes ou “incoerentes” como define Butler:

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (Butler, 2003, p.38).

As pessoas que contribuíram se predispondo às entrevistas não apresentam essa relação costurada ou identidade assegurada entre corpo e sexo. Apesar das duas, estudantes apresentarem aparências do que denominamos “trans”, pois apresentam uma identidade diferente do sexo biológico, foi perceptível durante as conversas que apenas uma delas se considera trans, se incomoda com a presença dos seios e teria vontade de realizar uma cirurgia de redesignação sexual, criou nome social e sente muito mal estar em ter que responder pelo nome de batismo. Enquanto que a outra pessoa, apenas se denomina lésbica, mesmo apresentando aparência completamente masculinizada, não se chateia ao ser confundida com um menino, mas prefere deixar explícito que é uma menina e reforçar seu nome de batismo que também é feminino.

Mas em ambos os discursos o que prevalece são as marcas que a sociedade reserva para corpos que não seguem completamente normas da sexualidade e gênero: a violência e abjeção. No contexto escolar, não é diferente, apesar da escola, que deveria ser um espaço privilegiado para aprendizagem e socialização, além de funcionar como um “passaporte de entrada” e de integração na sociedade:

“As dinâmicas no ambiente escolar são produtoras de diversas espécies de relações, ao mesmo tempo em que reproduzem e ressignificam interações que acontecem para além dos limites do colégio. Nesse âmbito está situada a enorme diversidade de relações que se dão neste espaço, dos mais variados tipos, que se entrelaçam na conformação do ambiente escolar. Fazem parte desde relações de solidariedade e amizade até relações conflituosas; quando não bem trabalhadas

podem se transformar em situações de violência.” (ABRAMOVAY 2009, p.276)

Situações de violências que iniciam por atitudes preconceituosas, sejam nas palavras, nos gestos, nas brincadeiras, nos olhares, nos tantos poréns, na ‘naturalidade’ de certas ‘brincadeiras’ e ‘piadas’ que comumente são realizadas, dentro da própria sala de aula, às vezes até partindo de algum docente para fazer ‘graça’, mas principalmente nos corredores e nos momentos de socialização como, por exemplo, o horário de intervalo. Uma das falas de uma das entrevistas retrata justamente tais atitudes:

“... as pessoas julgam muito... e me olham feio... por eu não ser normal do ponto de vista deles. A culpa é da sociedade mesmo, em colocar isso na minha cabeça, eu não me achava assim, tipo... sei lá eu não me acho... não sei, é porque o povo fala tanto e julga tanto que acabei colocando isso na minha cabeça e me acho... sei lá diferente... Diferente porque eu não tenho o mesmo gosto, não sigo o mesmo padrão... E minha aparência incomoda muito também... pelo modo de eu me vestir, de eu agir... masculinamente eu... eu compro roupas masculinas, hoje em dia minha mãe já compra roupas masculinas pra mim... só que muitos julgam... ficam falando... olhando feio! (Jovem Trans, 18anos – entrevista em 2018)

Os processos para a construção de identidades são altamente sofridos para os corpos que não estão de alguma forma referenciados às normas hegemônicas do gênero. O que Bourdieu denomina de Violência Simbólica, no qual o ‘poder simbólico’ se constrói com base na homogeneidade de classes dominantes que estabelecem consensos acerca dos sentidos e representações que circulam na sociedade e que contribuem para a reafirmação e reprodução de paradigmas, de ideias e de uma ordem social (BOURDIEU, 1989, p. 10). Se faz muito presente nos momentos de afirmação da própria identidade que trazem consigo características que descrevem suas experiências, como visto na narrativa acima descrita.

Em que medida é a “identidade” um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência? E como as práticas reguladoras que governam o gênero também governam as noções culturalmente inteligíveis de identidade? Em outras palavras, a “coerência” e a “continuidade” da “pessoa” não são características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas. (Butler, 2003, p.38).

Tais ‘normas de inteligibilidade socialmente construídas e mantidas’ com o passar do tempo só evidenciam o quão carregado de opressão e sofrimento são os corpos que fogem à norma hegemônica, o quanto o respeito ainda fica do lado de fora dos muros das escolas, enraizado junto com a discriminação, exclusão e desigualdades, e infelizmente ações e gestos discriminatórios que se fazem presentes em situações das mais rudimentares, como um ato simples de escolha em qual tipo de fila participar. Na escola referida, se utiliza de fila de meninos e fila de meninas para a distribuição da merenda escolar, por receio de ser barrado na fila de meninos, o jovem entrevistado prefere não lanchar para que não seja chamado à atenção em estar na fila dos meninos, assim como já foi retirado da fila de meninas por outras colegas, que não conhecem sua história e ao verem que se trata de um menino, requisita-o que saia da fila.

É aí que se percebe que a escola que deveria ser um forte e grande instrumento para

minimizar os preconceitos e disseminar a importância de conviver com as diversidades, não vem cumprindo esse papel. Por tanto, debater o tema de diversidade de gêneros e sexualidades da forma mais ampla possível, contribuindo para a dissociação do tema com o tabu que ainda é considerado, é respeitar a diversidade humana, contribuindo assim com uma sociedade justa, diversa, igualitária e livre, livre de estereótipos, livre de conceitos preestabelecidos, livre de discriminações e livre, sobretudo, de violências. Até porque quando se fala de preconceito, fala-se em seguida de violências.

A educação não engloba apenas transmissão de conhecimento. É muito mais que informar; educar é formar, é estar atento à parte afetiva e social do adolescente e de seus familiares. Ultrapassa os limites de um pensamento abissal e exige aproximação de saberes, viveres e fazeres, confluindo também para educar para a convivência, a tolerância e à dignidade da pessoa humana. Isso remete à ideia de educar para e pelos Direitos Humanos (Cavalcanti & Silva, 2015).

Diferente concepção da educação é defendida por Freire (2017, p. 31), reconhecer-se dentro de qualquer processo e, especialmente no recorte dado a este trabalho, especificamente no processo de educação escolar é parte do caráter transformador da educação, fazendo-a libertadora através da “consciência crítica”.

Salientando que o pensamento crítico é também, uma das finalidades propostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) para a etapa final da educação básica, o Ensino Médio, que pretende “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. (BRASIL, Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996). Portanto, a desconstrução do preconceito e a promoção de Direitos Humanos, incluindo sexualidades, são caminhos ainda a serem matizados e percorridos no campo da Educação.

REFERÊNCIAS:

BENTO, BERENICE. (2011) **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Estudos Feministas, 19(2), 548-559. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16>. Acesso em 30 junho 2017.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2017.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> Acessado em 10 de julho de 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismos e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar – Rio de Janeiro – Civilização Brasileira, 2003

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004. 426p.

CAVALCANTI, V.R.S.; GOMES, G.. **Violência(s) portas adentro: categorias relacionais como gênero e famílias em foco interdisciplinar**. In: MOREIRA, L.V.; BASTOS, A.C.; PETRINI, G. & ALCÂNTARA, M.A. (Orgs.). **Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade**. Curitiba: Juruá, 2015, pp. 313-338.

CAVALCANTI, V. R. S. & SILVA, Antonio Carlos da. **Para e pelos direitos humanos: perspectivas e debates sobre violência, educação e agendas**. In: GOMES, Celma Borges. (Org.). **Em busca de uma cultura da não violência nas escolas**. Salvador: Edufba, 2015, pp. 1-12.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Albuquerque. São Paulo, Paz e Terra, 2015.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Albuquerque. São Paulo, Paz e Terra, 2014.

KASTRUP, V. & PASSOS, E. **Cartografar é traçar um plano comum**. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25 (2), p. 263-280, Maio/Ago. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. *Pro-posições*, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/agosto. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em 06. Julho.2017

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 78, Outubro 2007, pp. 3-46.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v.20, n2, p. 71-99. jul/dez. 1995.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-049-0



9 788572 470490